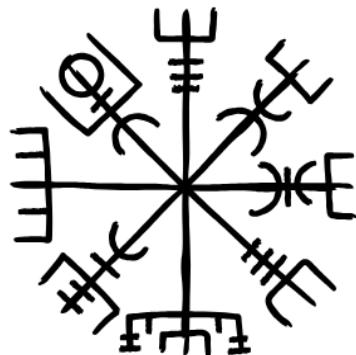


ERDAN NIGHTWALKER

LIVRO II

ZAKIEL
E O



DESPERTAR^{DOS}
ALQUIMISTAS

Título Original: Zakiel e o Despertar dos Alquimistas

Autor: Erdan Nightwalker

Copyright © Erdan Nightwalker

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto e Susana Sousa

Revisão: Gabriela Moreira

Pós-Paginação: Rosalina Marques

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Paginação: Tânia Roberto

Design de Capa: Tânia Roberto

Design de Brasões: Aléxia Oliveira

Marketeer: Beatriz Fonseca

1º Edição: abril de 2025

Acabamento/Impressão: Tórculo

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao

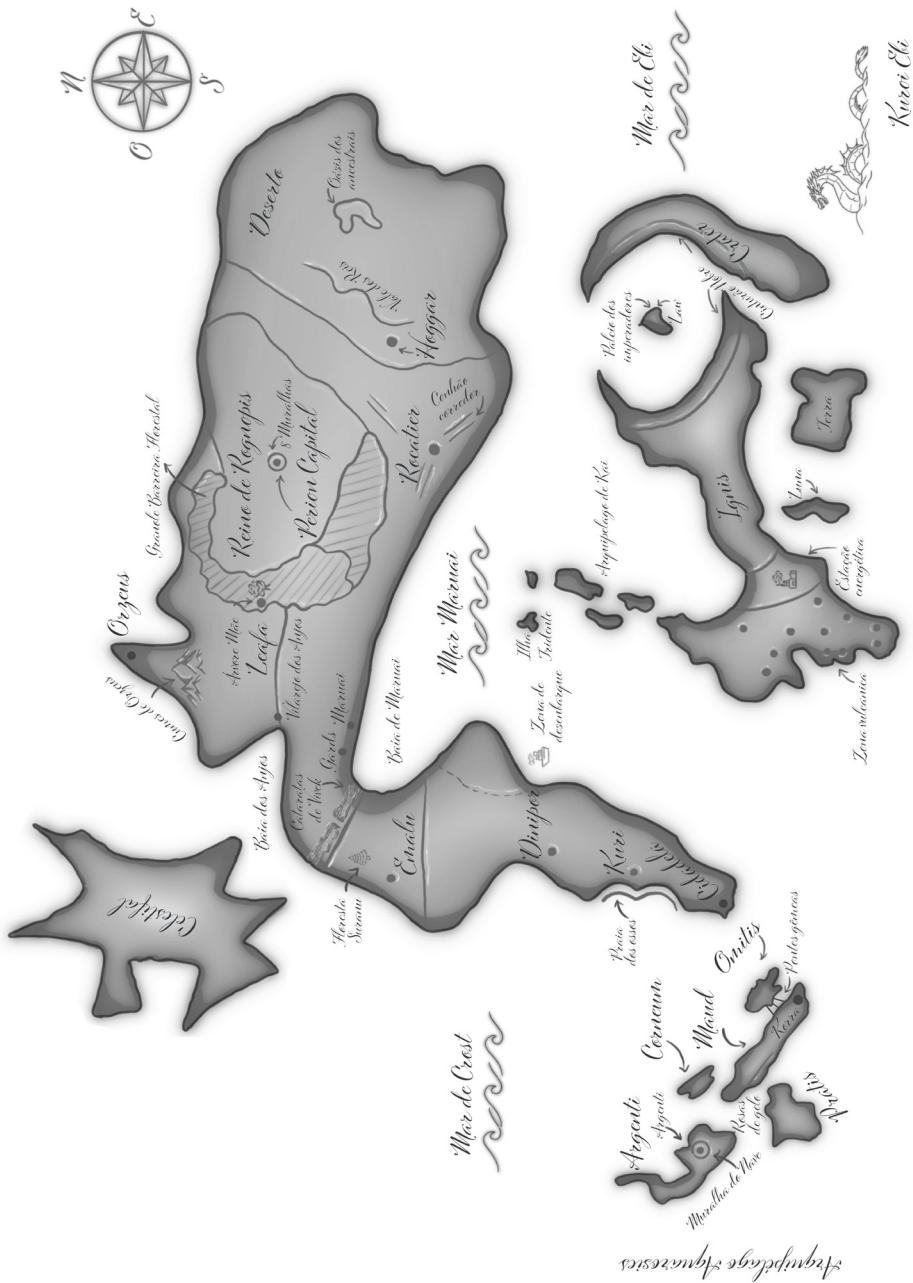
Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 540602/24

ISBN: 978-989-3619-20-9



Tu viste isto nascer, e olha onde chegámos.
Continua a ser por mim e por ti.



Carte du Royaume des Quatre Seascas



CHAMAS DE RESILIÊNCIA

ÀLGURES A NORTE DE VÍVEK - PROVÍNCIA DE ROCATIER
REINO DE RAGNAPIS

Alvoreceu calmamente em Rocatier. Uma brisa fresca embateu na face de Zakiel e fê-lo despertar. A fogueira que fez na noite anterior ainda emanava uma fraca chama.

Zakiel levantou-se, ensonado, e aproximou-se da sela de Zenu, o cavalo que o tem acompanhado desde Cidadela. Retirou um saco de tiras de carne seca, uma maçã e um mapa de Ragnapis. Comeu as tiras, ofereceu a maçã ao seu companheiro e, por fim, estendeu o mapa sobre uma rocha.

Na sua mente, visualizou o percurso desde o ponto de onde julgava encontrar-se. Ragnapis era absurdamente extensa. No mapa, tudo parecia estar ao virar da esquina, mas bastou levantar a cabeça para perceber que não era bem assim. Nenhuma das marcações assinaladas no mapa eram alcançadas pela sua vista. Ainda assim, sabia para onde viajar, colocou-se à esquerda do sol matinal e seguiu para norte, rumo a Orzeus. A sua intenção era pedir apoio ao Sacerdote da região para combater Ignis, apesar de não ter nada para oferecer. Na verdade, nem tinha a certeza se ainda havia guerra.

Alternou o olhar entre o papel e a paisagem em seu redor. A província Rocatier era uma longa planície árida e sinuosa mas, ainda assim, ao longe, era possível ver o contorno de picos montanhosos. Era para ali que deveria ir. Subiu para as costas de Zenu e não perdeu mais tempo.

Durante o caminho, o jovem Príncipe teve tempo para pensar sobre o que tinha acontecido em Vivek. Cruzou-se com muitos soldados Le Roc assim que atravessou o estreito. Eles tinham músculos que intimidavam até uma rocha, mas não pareciam ter medo algum de Ignis, algo que, até para ele, era difícil.

De certa forma, os Ragnares cativavam-no, um povo tão diversificado nas cores das suas peles, com hábitos tão simples e bem vincados nas suas personalidades. Apresentavam ser felizes antes da guerra... E, mesmo sem entender o porquê de Ignis ter começado esta guerra, começou a questionar-se se não seria uma consequência da sua força. Uma nação tão poderosa que ambicionava espalhar o seu modo de vida pelas restantes terras do mundo. Mas agora aquele argumento também já não fazia sentido.

Ao recordar Ignis, trouxe à crista da chama o seu passado no Palácio Imperial. Não devia faltar muito para completar os dezassete anos e

receber a sua cerimónia de coroação como herdeiro do trono, ou talvez já os tivesse feito. Estar sozinho não ajudava a situar-se no tempo.

Apesar de todo o peso que os dezassete anos traziam, para um príncipe, era um evento bonito e alegre, com muita cor e luz. Há três anos que todos os detalhes vinham a ser preparados e, pouco antes de ser exilado, ele escolheu o manto ceremonial com que entraria na cerimónia.

Perdido nos pensamentos, Zakiel nem se apercebeu que se aproximara de uma coluna de refugiados. Ao seu estilo, não fez caso e manteve o rumo. Mas era impossível para aquelas pessoas não repararem no par de sabres que trazia na cintura.

— Uau! Que espadas fixes! Possovê-las? — perguntou uma rapariga, destacando-se da multidão com os braços cruzados atrás da cabeça.

— Não!

— Oh, vá lá! — Zakiel decidiu ignorá-la, mas a jovem era persistente.

— Sabes, nós viajamos há dias desde Gards, e não é comum vermos alguém armado. Vieste de Vivek, foi?

— Alguém te perguntou alguma coisa? — O tom neutro das suas palavras denunciava o seu desinteresse.

— Olha, eu sei que foi difícil e que a derrota pesa a todos, mas não precisas de estar tão amuado! Nós também perdemos naquele dia, afinal estamos do mesmo lado, certo? — A rapariga piscou o olho, caminhando de costas para manter contacto visual com o cavaleiro.

— Derrota? Aquele dia? Tu sabes o que aconteceu em Vivek? — De repente, Zakiel já pareceu interessado e fez a rapariga soltar um leve sorriso vitorioso por ter conseguido a sua atenção.

— E quem não sabe?! A minha vila está na estrada por um motivo. Depois de Ignis derrotar os Le Roc, Gards foi a primeira paragem. Nós conseguimos escapar, mas outros não tiveram a mesma sorte. — As palavras da rapariga saíram com tanta naturalidade e calma que parecia que estava a narrar um acontecimento totalmente normal.

— Ah! Eu ainda não me apresentei. Chamo-me Petra! — Estendeu o braço para Zakiel, mas ele não fez qualquer esforço para responder ao cumprimento. — Ok, não és fã de apertos de mão, anotado! E para onde vais? Talvez nos possamos ajudar mutuamente.

— Orzeus, e não estou interessado na tua ajuda, minorca! — Ela fez uma careta de desapontamento, mas recompôs-se logo a seguir.

— Sim, sou pequena, e daí? Na tua terra são todos gigantes pomposos montados a cavalo! — Petra lançou o comentário e riu-se sozinha

do mesmo, deixando Zakiel a revirar os olhos de aborrecimento. — Ai, eu sou mesmo boa! Adiante, se vais para Orzeus tenho boas notícias, eu também vou. Quer dizer, o restante pessoal da vila vai para outra povoação aqui um pouco mais à frente, mas eu vou para Orzeus. Se quiseres, até me fazes companhia.

— Eu a ti? Essa é boa! — Zakiel franziu a testa e negou com a cabeça. De seguida, deu com os calcanhares na barriga de Zenu para acelerar o galope, distanciando-se do grupo.

— Está bem, então, a gentevê-se por lá, antipático!

Um dos viajantes do grupo afastou-se levemente do percurso para se aproximar da rapariga.

— Petra, se calhar não devias falar assim com estranhos. Os teus pais não estão aqui para te proteger e aquele tipo tinha cara de poucos amigos.



MARÉS DE MUDANÇA

VILAREJO DOS ÂNGOS - PROVÍNCIA DE ROCATIER
REINO DE RAGNAPIS

Não muito longe dali, num pequeno vilarejo à beira-mar, um barco de refugiados aproximava-se. Era Elliot e o seu avô, Saico. Ambos tinham viajado entre o norte e o sul de Vivek, trazendo refugiados de Cidadela. Todos no vilarejo já se haviam acostumado à chegada de novos necessitados, e o outrora pequeno povoado estava agora a tornar-se numa cidade.

— Bons ventos te tragam, Elliot! — gritou um homem nos seus trinta e poucos anos.

— Francis! Que bom ver que já terminaram a doca. Apanha! — Elliot arremessou a corda de atracagem com maestria para as mãos do homem.

— Sabes como é, com tantas pessoas novas, temos mais gente para trabalhar. Tens de ver o que fizeram à taverna Egil, nem vais acreditar nos teus olhos!

— Estou ansioso por ver isso! — O rapaz saltou do convés para a doca, enquanto o seu avô colocou a rampa de desembarque.

— Vá, todos para fora! E ai de quem tenha vomitado no porão — discutia com os refugiados, que saíam do barco, enquanto o neto foi cumprimentar Francis.

No meio destes, estavam Gallant e Avianna, ainda de costas voltadas depois de Gallant ter deixado Tayania prisioneira naquele campo militar de Ignis. Ainda assim, juntaram-se a Elliot para embarcar ao mesmo tempo.

— Francis, deixa-me apresentar-te o meu casal favorito...

— Já não somos um casal — afirmou Avianna, sem o mínimo de hesitação.

— Pronto, os meus dois amigos, Avianna e Gallant.

O tempo em que estiveram em guerra com Ignis não os deixava relaxar, tal como aos restantes indivíduos presentes. Olhavam para tudo em redor como se um soldado de Ignis fosse saltar de trás de um barril, mas esforçaram-se para aproveitar a estadia.

— É um prazer conhecer-vos. O meu nome é Francis, sou um dos responsáveis pelas docas — disse, ajeitando a boina. A aparência de Francis era a de um pescador em terra firme, vestia umas jardineiras de pele de foca e umas botas grossas. Se não fosse pela camisola

sem mangas às riscas, podia muito bem ser confundido com mais um pescador de AquaRosies.

O vilarejo, recém-promovido a cidade, estava situado perto da fronteira entre a província de Orzeus e a de Rocabatier. Era um ponto habitual de passagem entre ambas as províncias, mas, com o início da guerra, Elliot começou a trazer os refugiados que salvava no sul para aqui. Alguns partiram para outros locais, mas a maioria instalou-se naquele lugar. Com o tempo, novas casas surgiram na periferia.

As casas do antigo vilarejo estavam viradas para o mar; construções de argila e pedras talhadas, com ruas pavimentadas de gravilha. As casas novas em redor eram maioritariamente construções de madeira e bambu. Mais típicas na província do sul, com as ruas de terra batida. Em redor da cidade, erguia-se uma mureta de pedras que apenas indicava os limites da povoação.

— Venham comigo, quero mostrar-vos a taverna Egil. É o sítio preferido do meu avô, e eles têm uma bebida divinal chamada *Hidromel dos Ventos*. Vocês vão adorar! — Elliot já salivava, imaginando a bebida a escorrer-lhe pela garganta.

Z

Como de costume, a taverna estava cheia, as mesas redondas espalhadas pelo local tinham sempre mais de quatro pessoas em redor. O teto triangular estava decorado com esqueletos de grandes peixes que Egil capturou nos seus dias de pescador.

A entrada de Elliot pelas portas duplas chamou a atenção de todos.

— Elliot! — gritaram, erguendo as canecas para o rapaz que retribuiu com uma vénia teatral, atirando os caracóis para a frente da cara.

— Bem, esta gente adora-te — comentou Gallant, ao perceber que todos abriram alas para os três passarem.

— Metade desta gente fui eu que resgatei, a outra metade já cá estava.

— Com pouca modéstia, sentou-se de peito cheio na frente do balcão.

— Bons olhos te vejam, Elliot. E então, o que vai ser hoje? — perguntou o dono da taverna, limpando uma caneca.

— Também é bom ver-te, Egil. Dá-me três canecas do teu melhor *Hidromel dos Ventos*, por favor.

Egil virou costas, agarrou em três canecas com a mão esquerda e, com a mão livre, retirou um machado de uma pipa, que começou a verter um líquido dourado e espumoso. De seguida, fez deslizar as três canecas

pelo balcão, parando exatamente à frente de cada um dos amigos. — Façam bom proveito.

Avianna, à esquerda, e Gallant, à direita de Elliot, olhavam ora para a caneca com um líquido fervilhante, ora para a aparência desleixada de Egil.

— Agora que estamos devidamente servidos, tenho de vos contar uma coisa — começou Elliot, dando o primeiro gole. — Eu tenho uma mensagem para entregar em Orzeus. Não vou ficar muito tempo, só o suficiente para me despedir do meu avô e fazer as malas.

— Que coincidência, o Zakiel pediu para nos encontrarmos de novo em Orzeus. Podemos ir contigo? — perguntou Avianna, que já o conhecia bem o suficiente para saber a resposta.

— Fala por ti! Eu não sei se quero voltar a ver o Zakiel — resmungou Gallant, de rosto fechado. Deu um gole na sua caneca, o sabor doce com um leve travo picante no fim fê-lo abrir um sorriso de satisfação.

— Por mim, tudo bem! Gostaria de rever o Zakiel mais uma vez. E tu, Gallant, não me digas que ainda guardas rancor contra ela depois de tanto tempo?

— Não sei, ele mentiu-nos por meses, mas talvez seja bom revê-lo. Afinal, o tempo muda as pessoas... — O jovem sabia que conviver de novo com Zakiel iria trazer memórias que preferia manter para si, mas também sabia que o príncipe de Ignis era a única pessoa que podia mudar-lhe o destino.

— Não te preocipes com isso agora, primeiro temos de o encontrar — incentivou Avianna, deixando Gallant fixado nos seus olhos. Não esperava que de todas as pessoas a sua ex-namorada o incentivasse.

— Tens razão, eu vou convosco. — O seu humor mudou depressa com o impulso de Avianna.

— Assim é que é falar! Vamos reunir o bando outra vez. — Elliot abriu os braços e abraçou ambos, entornando as canecas no balcão.



Horas mais tarde, já no final do dia, um novo grupo de refugiados chegou à cidade vindos por terra.

— Uau! Este sítio é bem maior do que me contaram — exclamou a rapariga, a segurar as alças da sua mochila.

Os adultos do grupo foram recebidos pelos cidadãos e guiados para um local onde podiam descansar. Petra, movida pela curiosidade, decidiu explorar o lugar.

Petra era uma jovem de quinze anos com um metro e meio de altura, de cabelos castanhos-escuros soltos, mesclados com tranças finas com missangas. Vestia um *Hanfu* clássico em tons de castanho e umas sandálias simples. Parecia uma criança muito mais nova em todos os sentidos.

Nos estábulos ali perto, Elliot e os restantes já preparavam a viagem.

— Tens a certeza de que é a mesma coisa que montar em cavalos? Esta coisa tem duas patas! — comentou Gallant, ao ver Elliot equipar uma sela num Gallimius.

— Esta *coisa* é um Gallimius, é mais rápido que um cavalo e tão seguro quanto um. Verás que em menos de nada chegamos a Orzeus — explicou Elliot.

Os Gallimius eram mamíferos de grande porte, dóceis e de penugem acinzentada. Tinha, apenas duas patas e eram muito mais velozes do que cavalos. Se treinados com rigor, podiam correr distâncias longas sem se cansarem. O seu dorso assemelhava-se a uma galinha, eram mais altos que os cavalos e comiam muito mais. Sem dúvida o meio preferencial dos mensageiros de Ragnapis para assuntos de grande importância. Se não fosse esse o caso, eram enviadas através de lebres toupeiras.

Atraída pelo nome Orzeus, Petra foi incapaz de ignorar aquele rapaz de cabelos cacheados e aproximou-se dos estábulos. Debruçou-se sobre a cerca de madeira e disse:

— Olá, como é que vocês estão? Não pude deixar de ouvir a vossa conversa. Vão mesmo para Orzeus?

— Oh, olá! Sim, vamos para Orzeus, porquê? — perguntou Elliot, observando a postura da rapariga e percebeu que não a conhecia.

— Eu acabei de chegar com este grupo, mas o meu destino é Orzeus. Eu não tenho como pagar a viagem, podia ir com vocês? — Petra estava ciente que para entrar em Orzeus era necessário pagar uma taxa que ia além das suas possibilidades.

— Bem, gostava de dizer que sim, mas nós estamos com um pouco de pressa e vamos partir daqui a nada e...

— Não tem problema, eu estou pronta! — insistiu Petra, agarrando nas alças da mochila e deixando Elliot numa situação complicada.

— Gallant, dá-me aqui uma ajuda — sussurrou entre dentes, mantendo o sorriso.

— Não podes vir connosco. Temos uma missão importante e não nos podemos dar ao luxo de perder tempo. — A voz grossa de Gallant não intimidou Petra, mas ela percebeu a mensagem.

— Pronto, está bem! — Levantou os braços em sinal de rendição. — Não vos incomodo mais. O que se passa com toda esta gente?! Primeiro, aquele tipo a cavalo, agora estes. — O seu protesto não era suposto ser ouvido pelo grupo, mas Avianna ouviu-a.

— Espera um pouco, conheces-te um rapaz a cavalo? Podes dizer-nos como ele era?

— Era alto e pomposo, tinha dois sabres na cintura e era muito antipático.

— Zakiel... — disseram os três, revirando os olhos.

— Então, vocês conhecem-no? Não admira...

— Olha, desculpa, começamos com o pé errado. O meu nome é Elliot e estes são o Gallant e a Avianna. Temos uma mensagem para entregar em Orzeus e encontrar esse rapaz que tu viste. Temos pressa e não podemos esperar para que convenças os teus pais a vir connosco.

— Prazer, Elliot. — Estendeu o braço. — O meu nome é Petra. Não preciso de autorização de ninguém, só alguém que me possa pagar a entrada em Orzeus. Depois, não vos incomodo mais.

— Amigos, eu tenho uns Kans a mais, não se importam que ela venha connosco? — Elliot ficou sensibilizado e mostrou-se prestável, como sempre.

Gallant e Avianna olharam um para o outro e confirmaram com um acenar de cabeça.

— Nesse caso, sé bem-vinda à viagem, Petra! Eu vou despedir-me do meu avô. Gallant, podes preparar tudo para partirmos?

Gallant enxotou-o para longe com a mão, confirmando que tratava de tudo. Por seu lado, Elliot começou a correr na direção das docas.

A noite aproximava-se e um homem já corria as ruas acendendo as tochas para iluminar a cidade.

Nas docas, Saico jogava às cartas com Francis.

— Toma lá! Terceira vitória seguida aqui para o velhadas! Hahaha.

— Não é possível! Estás a esconder cartas na manga! — acusou Francis.

— Estás a chamar-me de batoteiro?! Tens muito mau perder.

— Avô!

— Elliot! O que te traz por cá? Queres levar uma sova aqui como o Francis? — O responsável da doca abanou a cabeça a olhar para o chão, enquanto Saico ria.

— Não, avô, vim despedir-me. Vou partir esta noite com os meus amigos para Orzeus. — As suas palavras saíram melancólicas e deprimidas.

— Finalmente vais entregar essa maldita mensagem, hmm... Com tanto tempo já deve ter terminado o prazo... Mas não interessa, faz boa viagem! — A frieza do avô trouxe Elliot de volta das trevas que ele mesmo criou.

— É isso que tens a dizer?! Eu vou-me embora e não tens nada mais a dizer? — Ergueu as sobrancelhas, incrédulo.

— Quando não é a primeira vez, perde um pouco do dramatismo. Mas este momento ia chegar. Estás a crescer e tens de viver a tua vida. Não te preocupes comigo, estou em excelente companhia! — A voz de Saico parecia sempre animada e destemida, mas os seus olhos encerravam um vazio amargo de despedida.

— Bom, nesse caso... Até um dia, avô! — Saico levantou-se e Elliot abraçou-o com força e correu de volta ao estábulo.

Saico ficou a mastigar saliva enquanto via o neto afastar-se.

— Com que então, o velho cão do mar sempre tem sentimentos! — Francis cruzou os braços, assistindo a tudo.

— Está calado e prepara-te para levar mais uma coça. A seguir apostamos alguma coisa, que tal? — Saico voltou a sentar-se para retomar o jogo.

A FRONTEIRA DE ORZEUS

FRONTEIRA SUL - PROVÍNCIA DE ORZEUS
REINO DE RAGNAPIS



Na divisa entre as duas províncias, o vento fez-se notar. Zakiel cobria o rosto com o braço para evitar ficar com os olhos secos por causa do vento e cavalgava tranquilamente pela estrada. À sua frente, os picos montanhosos e terrenos irregulares substituíram as planícies de Rocatier.

— Alto! Forasteiro, desmonta do cavalo — gritou um soldado, vestido com uma túnica, um peitoral de fibras de bambu e dois martelos na cintura.
— Estas terras são parte da província de Orzeus, todos os que quiserem entrar têm de apresentar um selo da cidade ou pagar a taxa de doze Kans.

— Lamento, mas não tenho nem um, nem outro. Tenho, sim, assuntos importantes a tratar em Orzeus.

— Todos têm! São as regras, miúdo. Sem selo e sem dinheiro não entra — completou o segundo soldado, com a cara coberta por um lenço que o protegia do vento.

— Podemos fazer um acordo? Deixam-me entrar e eu não digo nada a vosso respeito ao Sacerdote — argumentou o jovem de Ignis, mas os guardas não se deixaram levar.

— Está bem, está! Quando falares com o Sacerdote, diz-lhe para me vir dar um beijo na nádega! — Os colegas do guarda riram-se e forçaram Zakiel a afastar-se do caminho para que outras pessoas passassem.

Desmotivado e aborrecido com a facilidade com que foi barrado, Zakiel começou a magicar formas de contornar o bloqueio, mas as montanhas escarpadas não davam uma réstia de esperança. Ainda assim, a sua vontade era mais forte que um pequeno contratempo.

Não havia outro caminho senão aquele. As montanhas em redor de Orzeus eram muito íngremes para qualquer humano ou cavalo atravessar. Os três guardas, apesar de atentos, não demonstravam ser uma ameaça. Passar por eles seria fácil se Zakiel os apanhasse distraídos.

Voltou a subir no Zenu, apertou as correias e segurou as rédeas com força. Entretanto, o guarda que o deteve estava já a conferir os selos de viagem de outro grupo na fila, mas os restantes guardas ainda o marcavam com o olhar.

Virou costas e afastou-se lentamente. Os guardas que o observavam desistiram de lhe prestar atenção e aproximaram-se do colega, na zona

central. Zakiel viu uma oportunidade. Manteve a rédea curta, deu meia-volta e correu com o cavalo na direção do estreito. Os três guardas foram surpreendidos pela velocidade com que Zakiel deu a volta ao cavalo. Um deles tentou lançar-se para segurar nas correias de Zenu e os restantes correram, tentando evitar que Zakiel avançasse. Os guardas aproximaram-se das paredes laterais do vale e bateram com os seus martelos na rocha. Cada martelada criou uma derrocada no vale, cujos pedregulhos ameaçavam atingi-lo.

— Vamos, Zenu! Eu confio em ti! — gritou, contraindo o corpo contra o do cavalo.

Os pedregulhos rolavam e acumulavam-se no caminho. Rochas de vários metros propositadamente colocadas para fechar a passagem a invasores ruíram e levantaram nuvens de poeira, que obstruíram a visão do cavaleiro e do seu cavalo. Zenu relinchou, aflito com as partículas nos olhos, e ergueu as patas frontais sem sair do lugar. O Príncipe segurou bem as rédeas, equilibrou-se na sela e esticou o braço para o cabresto do cavalo. Num movimento instintivo, soltou as amarras em redor da sua cabeça, dando a entender a Zenu que estava livre e podia fugir. Então, o cavalo começou a correr em frente e Zakiel tornou-se nos seus olhos, guiando-o com movimentos de corpo em cima da sela.

Ao fim de uns metros, saíram da zona de impacto sãos e salvos.

— Foi à justa. Bom trabalho, Zenu — felicitou-lhe o rapaz, descendo do seu torso para lhe limpar a visão e fazer umas festas na crina.

Z

Quase um dia depois, Elliot e o grupo chegaram aos limites da província de Rocabier e apreciaram a paisagem montanhosa à sua frente.

— Então, isto é Orzeus. Bem diferente do que vimos até aqui — comentou Gallant, boquiaberto.

— Alto! Forasteiros, desçam dos Gallimius e afastem-se deles — gritou o mesmo soldado que mandara parar Zakiel, mas, desta vez, estava com uma atitude bem mais cautelosa. O grupo obedeceu sem hesitar.

— Olá, estamos aqui de passagem para Orzeus. Não temos o selo, mas temos como...

— Para trás! — repetiu o soldado, empurrando os Gallimius para longe dos jovens.

— Que bicho lhes mordeu? Nunca pensei que estes guardas fossem tão interventivos — comentou Petra para Avianna.

— Senhor, eu tenho aqui os Kans para pagar a travessia, por favor, aceite. — Elliot estendeu um saco cheio de Kans e esperou que o soldado viesse recolhê-lo. De forma muito rápida, o homem retirou-lho das mãos, confirmando a quantia.

— Podem passar. E desculpem este aparato, fomos comprometidos recentemente e todo o cuidado é pouco. A propósito, se virem um jovem solitário armado com dois sabres, informem de imediato as forças de Orzeus. Eles saberão o que fazer.

Mais uma vez, o grupo repetiu em conjunto o nome de Zakiel, exceto Petra, que, que se referiu a ele como «rapaz antipático». Contudo, nenhum dos guardas ouviu o que os jovens disseram.

— Aqui têm os vossos selos, conservem-nos e poderão retornar a Orzeus sempre que quiserem. Boa viagem. — O guarda entregou um selo de barro a cada um deles com a insígnia de Ragnapis e uma estrela de cinco pontas no verso.

Voltaram a subir nos Gallimius e aproximaram-se da passagem.

— O que é que aconteceu aqui? — perguntou Gallant.

— Nada de preocupante, nós resolvemos — disse um dos guardas, enquanto afastava uma rocha do seu tamanho com grande facilidade. — A passagem já não está obstruída. Sigam em fila única e tenham em atenção as rochas mais pequenas que se possam soltar — advertiu.

— Belas tatuagens! — comentou Petra, ao ver o braço repleto de runas do guarda fronteiriço.

Do outro lado, não surgiu resposta, apenas um olhar desconfiado de quem não queria responder. O homem puxou a manga para baixo e manteve contacto visual com a jovem até esta desaparecer.

— Nota mental: nunca falar de tatuagens com um homem. Aqueles olhos deram-me arrepios. — Petra falou em voz alta, mas era apenas ela a destinatária do comentário. Avianna, ao se aperceber, soltou uma leve risada.

— Com que frequência falas sozinha? — perguntou, disfarçando o sorriso.

— Desde que me lembro! Nunca tive muitos amigos, então, tornei-me na minha melhor amiga!

Avianna voltou a rir-se, mas, ao mesmo tempo sentiu um pouco de pena. Até entender que Petra não estava incomodada, ela tinha aceitado a sua condição tão bem que não estava minimamente preocupada com o que os outros podiam pensar.

— Ei! Mas vais ter de dizer a ti mesma que agora tens uma amiga! — avisou, fazendo-lhe cócegas nas costelas.

— Está bem! Está bem! És a minha nova amiga — respondeu a rir-se, já sem aguentar as cócegas.

Entretanto, os Gallimius de Elliot e de Gallant já tinham atravessado os destroços e galopavam lado a lado, quando Avianna e Petra, acabadas de sair, se juntaram a eles.

— Achas que esta derrocada foi obra do Zakiel? — perguntou Elliot.

— Nunca o vi fazer uma antes, mas ele é um tipo que gosta de experimentar coisas novas — troçou Gallant.

Z

Por entre os picos de Orzeus e as fortes rajadas de vento da região norte do reino, acampar era uma tarefa praticamente impossível. A passagem para Orzeus era só uma e sem desvios, que serpenteava as montanhas. Por sua vez, estas cercavam um vale profundo, mas incrivelmente bonito. A cordilheira e as estepes no interior estavam cobertas por um verde fresco e pequenas rochas erguiam-se por entre a camada verdejante, onde cabras-montesas pastavam sob o olhar atento dos pastores. Assim que os viajantes olhavam para cima, os cumes mais elevados pareciam rasgar as nuvens e a sua cor branca característica repousava nas suas faces rochosas acinzentadas, algumas íngremes demais para escalar.

Ao terminar de atravessar o vale, uma cratera enorme rodeava uma montanha circular com o topo achatado e sem uma única zona verde. Era a capital da província: Orzeus!

Os olhos de Zakiel brilharam ao ver aquela magnífica cidade — isso, ou ainda tinha poeira nos olhos. Para que os visitantes pudessem entrar na cidade, era preciso passar através de uma ponte artificial em pedra, que atravessava a fenda da cratera e ligava Orzeus ao mundo. Várias aberturas na montanha permitiam que a luz do sol entrasse e, por toda a estrutura sem árvores ou arbustos, soldados vigiavam-nas.

O seu galopar tornou-se mais constante à medida que se aproximava. Mantinha a esperança de encontrar aqui a ajuda de que precisava, e isso fê-lo soltar um leve sorriso.

Assim que se aproximou dos portões, viu soldados bem organizados que distribuíam as pessoas por grupos.

— Comerciantes, na fila da esquerda. Tenham à mão o vosso selo e não abandonem a vossa carga, já sabem o protocolo — comandava um soldado. — Visitantes, refugiados e semelhantes, na fila da direita, o mesmo procedimento: selo na mão e mantenham-se junto dos vossos

animais e mercadoria. Deixem a fila do meio livre para as autoridades e forças militares.

Nesse momento, Zakiel voltou a parar. Não tinha o selo e, certamente, estes guardas dariam por isso.

Foi, paulatinamente, aproximando-se dos refugiados que aguardavam a sua vez. Com sorte, metido no meio dos transeuntes, conseguiria passar despercebido. Era arriscado, mas plausível. Ao juntar-se perto da fila, desceu do cavalo e observou duas crianças a brincar ao redor de uma carroça. Ambas tinham consigo os selos de passagem. Reparou que era uma família de cinco crianças e dois adultos que não tinham mãos a medir para tanta energia. A mulher avisou os dois jovens que brincavam para terem cuidado com os selos. Nesta deixa, Zakiel viu uma oportunidade para agir.

Devias ouvir a tua mãe, miúdo, pensou o Príncipe.

Aproveitou que os pais tentavam acalmar a criança que chorava ao colo da mãe e aproximou-se deles.

— Ei, querem uma coisa fixe em troca de um desses discos que aí têm?
— A criança ficou muito curiosa e segurou o disco contra o peito. — Dou-vos estas espadas por um disco! Que vos parece?

— A mãe disse para não pertermos os discos. — A criança fez beicinho e escondeu o disco de Zakiel.

O Príncipe ajoelhou-se e apresentou as espadas.

— Imaginem as brincadeiras que podiam fazer com elas, são duas e eu só preciso de um disco. Ficam com o outro e a vossa mãe não se zanga.
— Zakiel piscou-lhes o olho, realçando com os dedos o brasão da chama no cabo das espadas.

A criança olhou para os irmãos que estavam vidrados nas armas e entregou o disco.

— Muito obrigado! Aqui tens as espadas, faz bom proveito delas. — Zakiel afastou-se, sorridente por ter conseguido o que pretendia.

Voltou a subir para o seu cavalo e avançou com tamanha naturalidade, montado num animal tão imponente que passou à frente de toda a gente sem que alguém lhe obstruísse a passagem, colocando-se ao lado do último visitante que estava a passar pela revista.

— E tu, vieste de onde? — perguntou um guarda com uma túnica de um verde mais vivo. Tinha uma prancheta de madeira com um buraco circular.

— Cidadela.

— Muito bem. — disse, observando as feições do rapaz. — Nome e idade?

— Zakiel, dezassete anos.

— Não tens apelido?

— Não. — Simples e direto, no seu estilo.

O guarda recolheu o selo do jovem, sempre muito atento às expressões de Zakiel como se procurasse alguma mentira. Colocou o selo na prancheta e este encaixou na perfeição, confirmando a sua veracidade. O disco, apesar de parecer perfeitamente circular, tinha relevos e imperfeições que o tornavam muito difícil de falsificar.

— Tem uma boa estadia, Zakiel de dezassete anos. Aproveita Orzeus!

Fez sinal ao colega a dizer que não era este o rapaz que procuravam.

— Espera! Só mais uma coisa. Não viste um rapaz com dois sabres a viajar no vale? — perguntou um segundo guarda, o qual recebera o sinal do primeiro. Este era mais gordo e o chapéu cónico parecia indicar uma patente mais elevada.

— Está ali uma criança a brincar com dois sabres, mas julgo não ser quem procuram. — Zakiel apontou para a fila atrás de si e os dois guardas saíram em passo apressado nessa direção. O Príncipe aproveitou a deixa e galopou para dentro de Orzeus.

A CIDADE SUBTERRÂNEA

CIDADE DE ORZEUS
REINO DE RAGNAPIS



Pouco tempo depois, o grupo de Elliot chegou às portas de Orzeus. Devido à velocidade dos Gallimius ainda chegaram a tempo de se cruzarem com a confusão gerada em torno de uma família que atrapalhava toda a fila de refugiados. O que levou, a que a fila exclusiva aos comerciantes abrisse também para os restantes.

— Foi o que vim todo o caminho a dizer-vos. Orzeus é mais importante do que imaginam, é o segundo grande bastião de Ragnapis, o baluarte da terra! É por isso que a segurança é apertada — informou Petra.

— Mesmo assim, doze Kans por pessoa só para entrar? Isso é um roubo! — protestava Gallant, cruzando os braços.

— Falas como se o dinheiro fosse teu — criticou Avianna, aproximando-se.

— Somos a seguir, comportem-se! — Elliot segurou nas rédeas do seu Gallimius e endireitou a postura à chegada do soldado que trazia o registo na mão.

Z

— Está ali o estábulo de que o guarda falou, vamos lá deixar os Gallimius e procurar o Zakiel — disse Avianna, retirando da bolsa uma bracelete que lhe foi oferecida pelos espíritos da floresta de Suranu.

Ao aproximarem-se do estábulo, ouviram uma acesa discussão entre o dono do estábulo e outra pessoa, atraindo cada vez mais espectadores. As pessoas rodearam a dupla que estava a um par de insultos de partir para a violência.

— Por que raio é que eu tenho de lhe pagar para tomar conta do meu cavalo? Já lhe disse que não tenho dinheiro. Eu posso levá-lo pelas rédeas sem precisar de montá-lo — reclamava Zakiel, junto do estábulo.

— São as regras! Ninguém entra na cidade com animais, todos têm de ficar nos estábulos até o seu dono retornar. Mas se não tens dinheiro, faço-te uma proposta. Compro-te o cavalo por cinquenta Kans e assim já podes pagar a taxa do estábulo.

— E para que é que vou pagar o estábulo se ficar sem cavalo?

— Sessenta Kans e não se fala mais nisso.

— Não te vou vender o meu cavalo! — Zakiel bateu o pé e pôs-se à frente de Zenu.

— Oitenta! Oitenta Kans! Ninguém te vai dar tanto por ele. — O comerciante estava a testar a paciência de Zakiel, que cerrou os punhos, irritado.

— Vocês estão a ver o mesmo que eu? Aquele é o Zakiel! — disse Elliot, esfregando os olhos.

— O antipático não para de fazer amigos — gozou Petra, com um sorriso.

Elliot desceu do Gallimius e abriu caminho por entre as pessoas até chegar junto dos dois homens, separando Zakiel do comerciante.

— Eu conheço este rapaz. Quanto fica o aluguer de um lugar na cavalariça?

— Elliot! — Zakiel ficou de sobrancelhas arregaladas e expressão confusa ao ver ali o amigo.

— Vinte Kans... — disse o comerciante, de rosto caído.

— Zakiel! — Avianna correu e abraçou-o.

— Vocês vieram mesmo! Ah, estou tão feliz por vos ver outra vez. Nem sabem as saudades que tinha vossas.

— E nós tuas, amigo! Não te via desde Kuri. Olha só como estás diferente. Três meses notam-se! — Elliot apalpava-lhe os músculos dos ombros.

— E fiquei mais velho! Dei mais uma volta ao sol desde então.

— Parabéns, princesinha! — Avianna gozou com o seu estatuto abraçando-o outra vez. — E tenho uma prenda para ti. É uma bracelete que os espíritos de Suranu nos deixaram, esta é tua.

— Obrigado! Eu sabia que existia algo de estranho com a Ema, mas daí a ser um espírito, surpreendeu-me. — Zakiel colocou-a de imediato, agradecido.

E por entre a multidão que fazia fila para a cavalariça, surgiu Gallant, de olhar fixo no chão e a andar devagar. Elliot afastou-se para pagar ao comerciante e Avianna deu espaço a ambos.

Gallant olhou para Zakiel.

— Olha, eu sei que... — Não foi capaz de terminar porque Zakiel deu dois passos em frente e abraçou-o.

— É bom ver-te aqui, Gallant. — O abraço foi forte e repentino. Bateram com os punhos nas costas um do outro em sinal de fraternidade. Apesar dos olhares mais saudosos e brilhantes de parte a parte, era um cumprimento de guerreiros.

— Desculpa aquilo que disse...

— Não importa mais, estás aqui e isso é o mais importante. — Zakiel agarrou-lhe na nuca e sorriu-lhe confiante.

— Se o casalinho não se importar, também gostava de receber um abraço — comentou Petra, colocando os braços à disposição.

— Tu! — Zakiel arregalou os olhos.

— Então, também conheces a Petra? — perguntou Avianna, sorridente.

— Não! — negou Zakiel ao mesmo tempo que Petra disse o contrário!

— Porque trouxeram a minorca convosco? Tinham desconto se entrassem com amostras? — O comentário de Zakiel valeu-lhe uma canelada de Petra, fazendo com que se vergasse.

— E agora estamos da mesma altura! Antipático.

— Muito bem, pessoal, os animais estão guardados. Vou ao Palácio entregar a mensagem, também vêm? — Elliot nem se esforçou para ouvir uma resposta.

— Por falar em Palácio! Eu preciso de ir... — Zakiel respirava fundo, tentando recompor-se do pontapé que levou. — A guerra não acabou. Quero saber qual a posição de Orzeus e do Sacerdote. Se possível, gostava de poder fazer parte integral das defesas da cidade.

— Bem, não é a mim que tens de dizer isso. O Sacerdote poderá responder-te melhor.

— Sim, eu sei, mas que mensagem vais entregar ao Palácio? Não é sobre a vitória de Ignis em Vivek?

— Não, eu recebi do Sacerdote Wordum uma mensagem que devo entregar a outro Sacerdote de Ragnapis. Por falar nisso, as tuas suspeitas confirmaram-se. Wordum estava mesmo em AquaRosies, mas não conseguiu sobreviver — comentou Elliot, baixando a voz no fim da sua intervenção.

— E que mensagem é? Pensei que viessem ajudar-me a parar Ignis!

— Zakiel estava surpreendido e desiludido com os amigos.

— Nós viemos por ti — informou Avianna, com uma voz acolhedora.

— Não venhas com os teus problemas. O mundo não gira à tua volta e foi por causa dessa atitude que nos separámos em primeiro lugar — avisou Gallant, achando que Zakiel continuava o mesmo teimoso.

— Então, vieram entregar uma mensagem de um homem morto. Esse foi o vosso motivo para vir até Orzeus.

— Pela tua reação, já sei que não é motivo suficiente, mas para mim é um motivo válido. Eu vim pela mensagem, mas o Gallant e a Avianna vieram por ti. Se também tens assuntos com o Sacerdote, esta discussão

não tem sentido. — Elliot trouxe, mais uma vez, alguma lucidez aos amigos.

Enquanto isso, Petra era uma simples espectadora.

— Tens razão... desde que esta minorca me disse que Ignis atravessou Vivek que não tenho pensado noutra coisa. Não sei para onde irão a seguir e isso deixa-me desconfortável. Neste momento, podem estar a caminho daqui e eu já não tenho os sabres para lutar.

— Compreendo como te sentes, por isso é que viemos, para te apoiar, não por causa da guerra. Queremos estar ao teu lado, decididas o que decidires.

— Avianna posicionou-se a seu lado com a mão sobre o seu ombro.

— Percebemos que se não fosses tu, eu ainda estava a vender peixe em Maud. Não sei como, mas és um impulsionador de aventuras! — Riu-se Gallant, cruzando os braços.

Zakiel respirou fundo e acenou afirmativamente com a cabeça.

— Não percamos mais tempo, vamos entregar essa tal mensagem ao Sacerdote e falar com ele sobre a guerra.

— Correção. Sobre a mensagem. Sinceramente, não sei qual é esse teu fetiche pela guerra — concluiu Elliot.

Por todas as razões possíveis, na mente de Zakiel, uma mensagem de um homem morto não parecia tão importante como parar Ignis. Ele próprio reconhecia que não queria voltar para a guerra tão cedo. Porém, as suas responsabilidades e a sua vingança ainda o encaminhavam para a batalha.

Z

Ao afastarem-se dos estábulos, puderam ver a cidade de Orzeus com mais pormenor. Parecia uma gigantesca colmeia. A cidade era toda escura, só tochas e pequenos braseiros a iluminavam. O teto, esculpido no formato de um Duomo com oito entradas de luz natural, iluminava pauperrimamente as ruas. Os passadiços de madeira suspensos no teto eram constantemente patrulhados por soldados e as suas sombras refletiam-se em monumentais silhuetas. «A cidade protegida pelas sombras dos gigantes».

As ruas eram uns completos labirintos e as casas amontoavam-se pela caverna até às paredes de rocha no interior da montanha. Eram sobretudo casas rasteiras, de apenas um andar, exceto as da periferia, que se acumulavam em altura nas zonas com menos luz solar. A luz do sol era um bem escasso numa cidade construída dentro de uma montanha. Nos

sítios onde era possível receber essa luz, havia jardins muito húmidos, nos quais cresciam cogumelos de diversas variedades. Já o povo era barulhento, e os seus ecos ribombavam nas paredes, repetindo-se constantemente.

No centro da cidade, situava-se o Palácio do Sacerdote, igualmente térreo. Em torno do edifício, onde os raios de sol penetravam, cresciam vastos jardins de plantas cavernícolas. As muralhas eram impressionantes, com detalhes na pedra arenosa que simbolizavam runas únicas de um dialeto totalmente desconhecido. O piso em redor do Palácio era liso e nivelado, contrastando com as ruas de paralelos que compunham o resto da cidade. Os portões na muralha estavam pintados de verde, mas tinham a mesma composição das muralhas e eram constantemente vigiados por guardas com lanças enormes. Por fim, o urso coroado da bandeira de Ragnapis descia o muro com a elegância de uma tapeçaria de Ignis, completando perfeitamente a magnitude do Palácio.

A AUDIÊNCIA

PALÁCIO DE ORZEUS
REINO DE RAGNAPIS



— E agora, o que é que fazemos? Batemos à porta ou quê?! — perguntou Petra, quando o grupo chegou aos portões encrostados nas muralhas que davam acesso ao interior.

— Suponho que não deva ser difícil falar com o Sacerdote, já que em AquaRosies os líderes são muito acessíveis — comentou Elliot, de forma inocente e descontraída, aproximando-se da entrada. Rapidamente duas lanças longas cruzaram-se no seu caminho.

— Em nome do Sacerdote, afaste-se dos portões! — O grito gutural do guarda levantou algumas risadas e murmúrios das pessoas que estavam presentes nas redondezas.

— Meu caro, não pensavas queias simplesmente entrar pelo Palácio como se fosse uma loja qualquer, ou pensavas? — Gallant colocou-lhe a mão no ombro e Elliot tentou ensaiar uma resposta.

— Estimados guardas, temos uma mensagem do Sacerdote Wordum para entregar ao vosso Sacerdote. Como podemos proceder? — perguntou Avianna, mostrando as palmas das mãos abertas e um sorriso inocente.

Os chapéus cónicos dos guardas ocultavam-lhes o olhar na sombra. O rosto imóvel e sem expressão não demonstrava qualquer solidariedade para com Avianna. Olharam um para o outro e um deles tocou um sino de bronze quatro vezes, antes de retomar à posição de guarda.

— O que quer isto dizer, exatamente? — perguntou Zakiel, dando um passo em frente para junto dos amigos.

Minutos depois, de dentro do Palácio, surgiu um homem magro de vestes longas verde-claras, que caminhava de queixo erguido e olhar impávido acompanhado por um grupo de soldados. A sua pele era clara e o rosto, fino, destacando-se um bigode e uma barbicha negra.

— Fui interrompido dos meus afazeres, espero que seja importante! — A voz do homem era aguda, ajeitando as pontas do bigode enquanto falava.

— Senhor, estes jovens dizem ter uma mensagem do Sacerdote Wordum...

— Disparate! — Sem deixar o guarda terminar a frase, o homem virou as costas preparando-se para abandoná-los na entrada do Palácio.

— Espere, senhor! É verdade, eu transportei o Sacerdote no meu barco de AquaRosies até Cidadela. Ele conferenciou-me as suas últimas palavras antes de falecer, indicando que deveriam ser entregues a outro Sacerdote. — A voz de Elliot passava pelos portões já semifechados do Palácio.

— Rapaz, é óbvio que não sabes o que dizes. Vá, põe-te a andar! — ordenou um dos guardas no exterior, enquanto empurrava Elliot, ameaçando-o com a lança.

— Esperem! — O homem manteve-se de costas para os portões com um dedo erguido. Do lado de dentro, dois guardas pararam de empurrar as portas, deixando apenas uma frincha por onde se via o rosto de Elliot.
— Deixem o miúdo e os amigos entrarem. — Os guardas, um pouco incrédulos, cumpriram a ordem sem questionar.

Os portões voltaram a abrir-se e o grupo entrou calmamente.

— Eu sabia que vir convosco era uma boa ideia! — Petra estava nas nuvens ao entrar no Palácio de Orzeus. A cada passo, soltava risinhos de excitação ao avançar pelo jardim.

— Vou pedir-vos que deixem os sapatos sujos no jardim, eu detesto que me sujem a jade. Acompanhem-me sem sair do perímetro dos guardas.

— O homem tomou a liderança de um grupo de seis guardas e entrou por duas portas duplas, com o dobro do tamanho dele, no edifício central.

— Tenho de admitir que já não esperava receber tal mensagem, passaram-se meses desde que Wordum faleceu.

— Peço desculpa, devia ter entregado a mensagem mais cedo, mas outras obrigações mantiveram-me ocupado. — Elliot parecia arrependido, mas o homem não fez caso.

— Tudo tem o seu devido tempo. — Com esta frase enigmática, ficou-se por ali.

Entraram numa ampla sala, cheia de tapeçarias e runas, as mesmas que Zakiel avistou na face de Wordum e nas muralhas externas. Cerrou as sobrancelhas, achando tudo um pouco estranho e manteve-se sempre atrás dos amigos. A sala era coberta por chão de pedra de jade, do mais puro verde cristalino. As paredes, lisas e de tom mármore creme. Não havia nada na sala para além de um trono dourado, em cima de dois degraus do mesmo tom. Todos, exceto Zakiel, deixaram cair os queixos enquanto rodavam sobre si mesmos para ver toda a sala no seu máximo esplendor.

— Baltazar! Baltazar! — gritou o homem.

— Aqui estou! Para quê tanta gritaria, Amadeus? — perguntou Baltazar, apressando-se a entrar na sala, vindo de uma divisão anexa.

Baltazar era um homem alto e de longas barbas grisalhas, com vestes luxuosas em tons de verde. O braço estava preenchido por tatuagens rúnicas e a sua voz era grave e autoritária, tal rugido de leão.

— Estes jovens têm uma mensagem de Wordum. — Amadeus apontou com o braço coberto pelas vestes para Elliot, e Baltazar ergueu a sobrancelha. Levou o seu tempo a sentar-se no trono antes de se dirigir aos guardas.

— Guardas, saiam todos, por favor — ordenou Baltazar, encostando-se confortavelmente.

Os guardas bateram com os calcanhares no chão e em conjunto apressaram-se a obedecer às ordens do Sacerdote. O homem apoiou os cotovelos nos braços do trono, entrelaçando os dedos enquanto esperava ouvir a mensagem. Elliot deu um passo em frente e, sem rodeios, disse:

— *A terra está a morrer, os novos têm de saber.*

O Sacerdote sorriu e Amadeus posicionou-se em pé ao seu lado, junto ao trono.

— Meus caros, sejam bem-vindos ao Palácio da Cidade Subterrânea. Temos muito que conversar nos próximos dias. Mas tudo será explicado em breve. Até lá, o Amadeus vai indicar-vos os vossos aposentos. — O Sacerdote esboçou um sorriso de orelha a orelha, de forma espontânea, como se esperasse por aquela notícia há muito tempo. Levantou-se num pulo, entusiasmado e apressado, mas Zakiel queria a todo o custo falar com ele.

— Espere, Sacerdote Baltazar! Eu tenho um pedido importante para lhe fazer!

— Teremos tempo para isso, por agora aproveitem para descansar e se alimentarem, o Amadeus indica-vos o caminho.

— Mas... — Zakiel tentou explicar-se, contudo, o Sacerdote segredou algo ao ouvido de Amadeus que fez Zakiel calar-se para tentar ouvir.

O seu conselheiro respondeu com um abanar de cabeça positivo, o jovem estranhou aquele secretismo, mas pareceu ter sido o único. — Agora, se me dão licença, tenho uns textos para escrever. — E afastou-se.

— Por aqui. Acompanhem-me. — Amadeus apressou-se a conduzir os novos hóspedes até aos seus quartos enquanto estes mostravam-se muito surpreendidos com o tratamento acolhedor, exceto Zakiel.

— Elliot sabias disto quando recebeste a mensagem? — perguntou Gallant, fascinado com todo o aparato.

— Eu nem sabia onde era Orzeus! Só a vinha entregar e voltar para casa.

— Sabem, se me dessem uma moeda por cada vez que entrei num Palácio, eu teria uma moeda! — Petra riu-se do seu próprio comentário. Zakiel que tentava concentrar-se em Amadeus, foi incapaz de esconder uma gargalhada que lhe fugia entre dentes. Todo o seu semblante pesado e desconfiado caiu por terra.

Ao verem Zakiel rir-se pela primeira vez, olharam-no com espanto como se um animal falasse. Era a primeira vez que viam Zakiel rir com vontade e o seu sorriso era verdadeiramente contagiente.

— Veem! Eu fiz o senhor mal-humorado rir.

— Não teve piada! Estava só a coçar o nariz.

A desculpa de Zakiel caiu no vazio enquanto Elliot deu uma leve cotovelada em Petra. — Afinal foi bom teres vindo connosco. — Petra sorriu com os olhos pulando de alegria no seu subconsciente.

No final do corredor, Amadeus abriu um cômodo de portas duplas.

— Aqui estão os vossos quartos. — E apressou-se a entrar na sala hexagonal com camas separadas por favos de rocha do mesmo formato.

— Parece uma colmeia gigante... e com cortinas! — Espantou-se Gallant.

— Em Orzeus todas as camas são assim, dormimos em favos de rocha, para o caso da montanha nos cair em cima não morrermos esmagados.

— Amadeus falou com bastante naturalidade, batendo de seguida três vezes numa viga de madeira perto de si. — Tenham um bom descanso e aproveitem os dias em Orzeus para descobrir coisas novas, lugares e quem sabe alguns segredos...

O homem saiu com um sorriso e fechou as portas do cômodo deixando-os à vontade. Aquela divisão, como todas as outras do Palácio, era verde. As paredes e teto eram as únicas coisas que fugiam do tom monocolor, as vigas de madeira decoravam os cantos da sala e o chão era liso acastanhado.

— Está tudo muito estranho, não vos parece? — questionou Zakiel.

— Realmente, o Sacerdote nem agradeceu devidamente. Limitou-se a ouvir e não mostrou interesse em mais pormenores.

— Achas que pode ser uma armadilha? — perguntou Avianna, ajeitando a almofada da sua cama.

— Se for, já caímos, deixámos os animais bem longe. Só nos resta aguardar por amanhã. — Gallant deitou-se de bruços e relaxou.

— Não é uma armadilha, mas é estranho, aquela frase deve ter sido algo importante — comentou Petra.

— Como sabes que não é uma armadilha? — insistiu Zakiel.

— Em Ragnapis, o convite para uma casa é sagrado. Se alguém te for fazer mal, não te convida para dormir sobre o mesmo teto. Algumas regiões levam a regra mais a sério que outras, mas, em geral, os Ragnares não fazem negócios sem dormir em casa uns dos outros e então, com casamentos, é regra as famílias partilharem as casas.

— Comediante e guia turística numa versão de bolso! Eu não podia estar mais satisfeito por te juntares a nós, Petra — incentivou Elliot.

